



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACIG

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E CONTINUIDADE CULTURAL:
PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES DA FORMA, DO ESPAÇO E DA
MATÉRIA NA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA**

KETELIN MOREIRA QUEIROZ

**MANHUAÇU – MINAS GERAIS
2026**

KETELIN MOREIRA QUEIROZ

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E CONTINUIDADE CULTURAL:
PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES DA FORMA, DO ESPAÇO E DA
MATÉRIA NA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro Universitário UNIFACIG, como parte
das exigências do Curso de Arquitetura e
Urbanismo, para obtenção do título de bacharel
em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Taciane Fonseca de Miranda
Coorientador: Wilian Bráz Focca

**MANHUAÇU – MINAS GERAIS
2026**

KETELIN MOREIRA QUEIROZ

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E CONTINUIDADE CULTURAL:
PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES DA FORMA, DO ESPAÇO E DA
MATÉRIA NA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro Universitário UNIFACIG, como parte
das exigências do Curso de Arquitetura e
Urbanismo para obtenção do título de bacharel
em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Taciane Fonseca de Miranda
Coorientador: Wilian Bráz Focca

APROVADA: 07 de julho de 2026

Assentimento:

Taciane Fonseca de Miranda
UNIFACIG

Wilian Bráz Focca
UNIFACIG

Matheus Gomes Rodrigues
UNIFACIG

RESUMO

A Arquitetura constitui uma forma de expressão cultural que reflete valores sociais, técnicos e históricos, sendo compreendida como um processo contínuo de permanências e transformações ao longo do tempo. Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo analisar como os fundamentos arquitetônicos relacionados à forma, ao espaço e à matéria permanecem e são ressignificados na produção contemporânea. Metodologicamente, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza teórica, fundamentada em revisão bibliográfica e análise comparativa entre três períodos estruturantes da arquitetura ocidental: a Antiguidade Clássica, o Modernismo e a Contemporaneidade. A investigação é desenvolvida a partir da análise de obras representativas de cada período, considerando as dimensões da forma, do espaço e da matéria como eixo analítico. Os resultados evidenciam que os princípios arquitetônicos não são substituídos ao longo da história, mas reinterpretados de acordo com os contextos culturais, tecnológicos e sociais de cada época. Observa-se que a forma mantém fundamentos como ordem e proporção, ainda que adaptados a novas linguagens; o espaço amplia-se de uma organização hierárquica para experiências mais dinâmicas e sensoriais; e a matéria assume papel significativo na construção da experiência arquitetônica, destacando sua dimensão tectônica. Conclui-se que a arquitetura contemporânea não representa uma ruptura com o passado, mas sim uma continuidade crítica, na qual a inovação emerge da reinterpretação de princípios históricos consolidados, evidenciando a permanência conceitual dos fundamentos arquitetônicos.

Palavras-chave: Arquitetura; Continuidade Cultural; Forma; Espaço; Matéria.

ABSTRACT

Architecture constitutes a form of cultural expression that reflects social, technical, and historical values, being understood as a continuous process of continuities and transformations over time. In this context, this research aims to analyze how the architectural fundamentals related to form, space, and matter remain and are reinterpreted in contemporary production. Methodologically, the study is characterized as qualitative research, of a theoretical nature, based on bibliographic review and comparative analysis between three structuring periods of Western architecture: Classical Antiquity, Modernism, and Contemporary times. The investigation is developed from the analysis of representative works from each period, considering the dimensions of form, space, and matter as an analytical axis. The results show that architectural principles are not replaced throughout history, but reinterpreted according to the cultural, technological, and social contexts of each era. It is observed that form maintains fundamentals such as order and proportion, even if adapted to new languages; space expands from a hierarchical organization to more dynamic and sensory experiences; And matter assumes a significant role in the construction of the architectural experience, highlighting its tectonic dimension. It is concluded that contemporary architecture does not represent a rupture with the past, but rather a critical continuity, in which innovation emerges from the reinterpretation of consolidated historical principles, evidencing the conceptual permanence of architectural foundations.

Keywords: Architecture; Cultural Continuity; Form; Space; Matter.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1	Arquitetura como Continuidade Cultural	8
2.2	Fundamentos arquitetônicos: origem clássica e permanência conceitual	9
2.3	Reinterpretação dos fundamentos arquitetônicos na contemporaneidade	11
2.4	Forma arquitetônica: composição, percepção e organização formal.....	12
2.5	Espaço arquitetônico: percepção, experiência e ambiência	14
2.6	Matéria e Cultura tectônica	16
3	METODOLOGIA.....	18
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
4.1	Contextualização das obras e definição do corpus analítico	20
4.2	Permanências e transformações da forma	22
4.3	Permanências e transformações do espaço	23
4.4	Permanências e transformações da matéria.....	26
4.5	Síntese interpretativa	28
5	CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6	REFERÊNCIAS	29

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Princípios arquitetônicos: proporção ordem e geometria	10
Figura 2 - Colagem de imagens representando transformações arquitetônicas	17
Figura 3 - Apresentação das Obras a serem analisadas	21

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese dos princípios compositivos da forma arquitetônica: ordem, proporção, ritmo e geometria	13
Quadro 2 - Estudo comparativo da forma arquitetônica nas obras analisadas...	23
Quadro 3 - Apresentação das Plantas de pavimentos base das obras a serem analisadas	25
Quadro 4 - Análise da materialidade das obras analisadas	27

1 INTRODUÇÃO

A arquitetura constitui uma importante forma de expressão cultural, refletindo valores sociais, técnicos, simbólicos e históricos de cada período. Embora diferentes identidades arquitetônicas se apresentem como linguagens formais distintas, sua produção não ocorre de maneira isolada, mas integra um processo histórico contínuo de transformação, reinterpretação e ressignificação de princípios consolidados ao longo do tempo (Norberg-Schulz, 1980).

Nesse contexto, a arquitetura deve ser compreendida como parte de uma cultura em constante evolução, desenvolvendo-se por meio da interpretação crítica de tradições preexistentes e do diálogo contínuo entre inovação e herança cultural (Frampton, 2009; Colquhoun, 2002). Assim, a produção arquitetônica pode ser entendida não apenas como resultado de processos inovadores, mas como parte de uma trajetória histórica mais ampla, na qual novas abordagens reinterpretam e ressignificam fundamentos consolidados ao longo do tempo (Abumere Ahianba, 2025).

Nesse contexto a noção de continuidade cultural possibilita a compreensão das relações entre tradição e transformação na arquitetura. Para Anthony Vidler (2008), tal continuidade não se manifesta na repetição literal de formas e estilos do passado, mas na maneira como esses elementos são interpretados e adaptados aos contextos contemporâneos. De modo semelhante, Aldo Rossi (2001) argumenta que a arquitetura e a cidade constituem construções históricas que incorporam memórias coletivas, evidenciando que a produção arquitetônica contemporânea não se desvincula do passado, ainda que assuma novos significados. Com o objetivo de compreender esse processo, a análise se estabelece em três dimensões fundamentais da arquitetura: forma, espaço e matéria.

A forma refere-se aos princípios compositivos que organizam a arquitetura, como ordem, proporção e configuração volumétrica; o espaço relaciona-se à experiência arquitetônica, marcada pela luz, pela percepção e pelas relações entre interior e exterior, aspectos que segundo Bruno Zevi (1979), constituem o núcleo essencial da arquitetura; e a matéria corresponde à dimensão construtiva, associada aos materiais, técnicas e sistemas empregados na edificação. Nesse sentido, Kenneth Frampton (2001), destaca que a compreensão da arquitetura também depende da leitura de sua cultura tectônica, evidenciando que as permanências arquitetônicas podem ser

identificadas tanto em seus aspectos formais e espaciais quanto em suas soluções construtivas.

A partir dessas três dimensões, o estudo delimita sua análise em três momentos históricos considerados estruturantes para a arquitetura ocidental: a Antiguidade Clássica, o Modernismo e a produção arquitetônica contemporânea. A Antiguidade Clássica representa um momento de consolidação de princípios fundamentais de ordem e proporção, sistematizados por autores como Vitruvius. O Modernismo promoveu transformações significativas nesses princípios, reinterpretando-os diante das mudanças tecnológicas e sociais da modernidade. Já a arquitetura contemporânea caracteriza-se pela ressignificação desses princípios, incorporando novas tecnologias e demandas culturais sem necessariamente romper com as bases históricas do pensamento arquitetônico (Frampton, 2009).

A relevância acadêmica do estudo está relacionada à necessidade de compreender a arquitetura como um processo histórico e social contínuo, no qual se articulam inovação e tradição de forma dinâmica. Embora muitas interpretações contemporâneas tendam a enfatizar a dimensão formal ou tecnológica da arquitetura, autores como Juhani Pallasmaa (2009), criticam abordagens que negligenciam a experiência sensorial e a dimensão existencial do espaço arquitetônico.

Ao investigar as permanências e transformações dos fundamentos arquitetônicos ao longo do tempo, esta pesquisa visa contribuir para uma leitura crítica da produção contemporânea, evidenciando que a inovação frequentemente emerge da reinterpretação de princípios históricos, conforme discutido por Alan Colquhoun (2002), ao abordar a relação entre tradição e modernidade, e por Khaznadar e Baper (2023), ao analisarem a continuidade conceitual na produção arquitetônica recente.

Além da contribuição teórica, o estudo apresenta relevância no campo projetual, uma vez que a compreensão dos fundamentos históricos (forma, espaço e matéria) pode ampliar o repertório crítico do arquiteto, permitindo a incorporação consciente de referências históricas ao processo de projeto. Conforme Christian Norberg-Schulz (1980), a arquitetura não deve ser vista como produção meramente formal, mas como uma construção cultural que estabelece relações significativas entre espaço, lugar e experiência, demonstrando que o conhecimento histórico contribui para decisões projetuais mais contextualizadas e fundamentadas.

Diante desse contexto, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar como os fundamentos arquitetônicos relacionados à forma, ao espaço e à matéria permanecem

e se transformam na produção arquitetônica contemporânea. Para alcançar esse objetivo, estabelecem-se três objetivos específicos: analisar os princípios compositivos relacionados à forma e sua permanência em diferentes períodos históricos; investigar a dimensão espacial da arquitetura, com ênfase na luz e na relação entre interior-exterior, e examinar a dimensão material e tectônica da arquitetura, considerando o papel dos materiais e sistemas construtivos na expressão arquitetônica.

A partir desses objetivos, estabelece-se como problema de pesquisa a seguinte questão: como os fundamentos compositivos (forma), espaciais (luz e relação interior-exterior) e tectônicos (matéria), consolidados em períodos históricos estruturantes, permanecem e são ressignificados na arquitetura contemporânea enquanto continuidade cultural? Para responder essa questão, a pesquisa desenvolve uma análise teórica e comparativa dos fundamentos da forma, do espaço e da matéria em diferentes períodos históricos, buscando compreender suas permanências e transformações na arquitetura contemporânea.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial teórico, parte da compreensão de que a arquitetura não pode ser analisada de forma isolada, mas como um campo construído ao longo do tempo, a partir de continuidades, transformações e permanências. Nesse sentido, os conceitos abordados a seguir buscam estabelecer uma base para entender como a arquitetura se desenvolve historicamente e como seus fundamentos permanecem, mesmo diante de diferentes contextos. Para isso, o referencial foi estruturado a partir da relação entre continuidade cultural e dos princípios fundamentais da arquitetura, permitindo compreender como forma, espaço e matéria se consolidam como elementos essenciais na produção arquitetônica.

2.1 Arquitetura como Continuidade Cultural

A arquitetura é uma expressão da cultura de um povo, sempre ligada ao seu momento histórico, social e tecnológico, não podendo ser compreendida como prática isolada. Entende-se que ela reflete os valores e condições de seu tempo, sendo parte de um processo contínuo de permanências e transformações ao longo da história (Frampton, 2009). Por isso, a produção arquitetônica não surge de rupturas absolutas,

mas por processos de adaptação e releituras, onde ideias e elementos são retomados e transformados em novos contextos, evidenciando que a inovação mantém vínculos com o que veio antes (Colquhoun, 2002).

A arquitetura, enquanto manifestação cultural, também se relaciona diretamente com a memória, entendida como um fenômeno coletivo vinculado aos espaços construídos, nos quais o ambiente físico atua como suporte das lembranças sociais. Como diz Maurice Halbwachs (1992), a memória coletiva se apoia em quadros espaciais, evidenciando a importância desses espaços construídos. Desse modo, a cidade e a arquitetura funcionam como suporte da memória e da identidade cultural, uma vez que a “cidade é o lócus da memória coletiva” (Rossi, 2001, p. 198). A tradição por sua vez, não é algo imutável no tempo, mas sim um processo vivo, onde reinterpretemos o passado no presente, adaptando referências históricas às realidades atuais sem romper com a continuidade (Ricoeur, 2007).

Nesse cenário, o passado não é simplesmente reproduzido, mas reinterpretado. A arquitetura de hoje estabelece um diálogo crítico com a história, utilizando elementos e referências históricas adaptados às necessidades do presente, evidenciando que a inovação surge dessa ressignificação de ideias que já existiam (Vidler, 2008).

Por fim, essa ideia de continuidade versus ruptura é mais uma tensão do que uma oposição real no desenvolvimento da arquitetura. O modernismo por exemplo, foi entendido como uma ruptura com o passado (Pevsner, 2002), mas na prática, a produção arquitetônica segue se baseando em referências históricas reinterpretadas, tradição e inovação caminham conjuntamente nesse processo (Frampton, 2009).

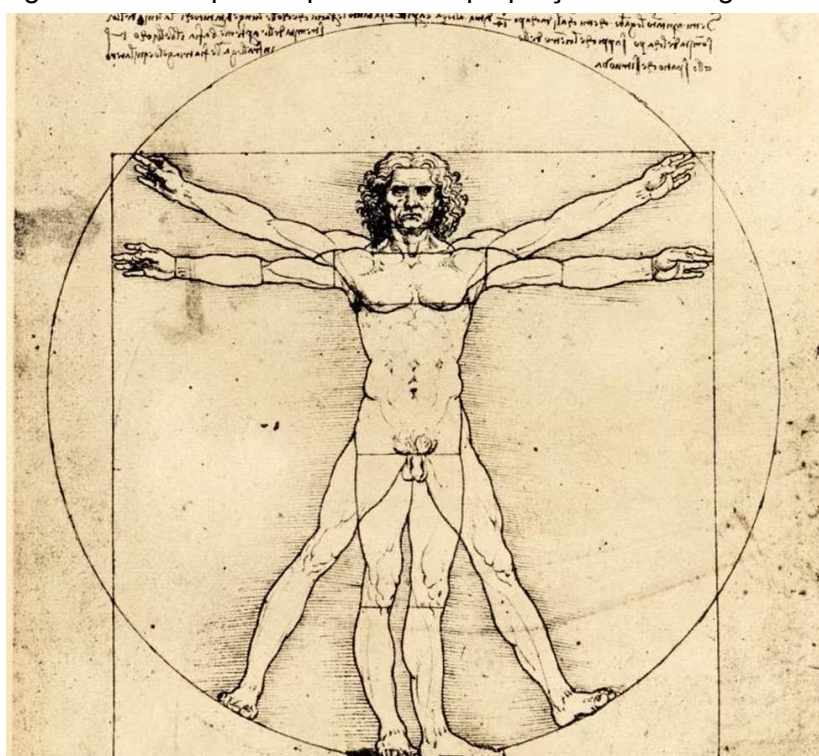
2.2 Fundamentos arquitetônicos: origem clássica e permanência conceitual

A compreensão da arquitetura enquanto disciplina exige o reconhecimento de seus fundamentos, entendidos como princípios que orientam a concepção, a organização e a materialização do espaço construído. Esses fundamentos consolidam a arquitetura como campo de conhecimento e a distinguem da mera construção, ao incorporar dimensões estéticas, simbólicas e culturais (Pevsner, 2002). Sua sistematização remonta à Antiguidade, especialmente o tratado de *Architectura* de Vitruvius (século I a. C.), no qual são definidos três princípios essenciais: *firmitas*, *utilitas*

e *venustas* (solidez, utilidade e beleza), que articulam as dimensões técnicas, funcionais e estéticas da prática arquitetônica.

Nesse contexto, a representação do Homem Vitruviano, desenvolvida por Leonardo da Vinci a partir das concepções de Vitruvius, sintetiza visualmente a relação entre proporção, geometria e harmonia, evidenciando a compreensão clássica de que o corpo humano constitui a referência perfeita para a organização racional do espaço arquitetônico, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Princípios arquitetônicos: proporção ordem e geometria



Fonte: Leonardo da Vinci. *Homem Vitruviano*, c. 1490. Universal History Archive/Universal Images Group.2018

A partir desses princípios, desenvolvem-se, no pensamento clássico, noções como ordem, proporção e harmonia, que passam a orientar a composição arquitetônica. Segundo Leon Battista Alberti (2011), a beleza resulta da relação adequada entre as partes e o todo, sendo alcançada por meio de proporções equilibradas e da organização racional dos elementos. Dessa forma, a arquitetura é compreendida como uma disciplina regida por princípios intelectuais, com regras que dão coerência às formas.

Os fundamentos clássicos ligam-se à arquitetura e à geometria, que são as ferramentas chave para a organização do espaço. Para Rudolf Wittkower (1998), a arquitetura renascentista baseia-se em princípios matemáticos que expressam uma

ordem universal, refletindo a busca por harmonia e racionalidade. Essa concepção evidencia que a forma arquitetônica não é arbitrária, mas estruturada a partir de relações proporcionais que conferem significado e estabilidade à composição.

Por fim, embora originados em contextos históricos específicos, esses fundamentos não permanecem restritos à antiguidade ou ao renascimento, sendo continuamente reinterpretados ao longo do tempo. Conforme argumenta Alan Colquhoun (2002), os princípios clássicos persistem na arquitetura mesmo quando suas formas aparentes são transformadas, evidenciando sua permanência como base conceitual da disciplina.

Assim, compreender a origem clássica dos fundamentos arquitetônicos permite reconhecer que, ainda hoje, a arquitetura se apoia em princípios consolidados, adaptando-os às demandas contemporâneas sem perder sua estrutura teórica essencial.

2.3 Reinterpretação dos fundamentos arquitetônicos na contemporaneidade

A arquitetura contemporânea, marcada por avanços tecnológicos e novas demandas sociais, reinterpreta os fundamentos estabelecidos ao longo da história. Por conseguinte, conforme argumenta Frampton (2009), não se trata de uma ruptura total com o passado, mas de uma continuidade crítica, na qual princípios tradicionais são adaptados às especificidades de cada contexto. Assim, os fundamentos arquitetônicos permanecem ativos, ainda que assumam novas expressões formais e construtivas.

A funcionalidade, embora originada nos princípios vitruvianos, adquire novos significados na contemporaneidade, deixando de se restringir à eficiência técnica e incorporando a flexibilidade dos usos. Nesse contexto, a arquitetura passa a lidar com programas complexos e dinâmicos, nos quais o espaço se adapta às transformações ao longo do tempo. Paralelamente, a dimensão estética também se amplia, deixando de se restringir às regras clássicas de harmonia e proporção, passando a emergir de processos conceituais. Assim, *utilitas* e *venustas* são reinterpretadas em meio à complexidade do contemporâneo (Koolhaas, 1997)

A materialidade, associada à *firmitas*, também se transforma significativamente com o avanço das tecnologias construtivas. Conforme destaca Juhani Pallasmaa (2009), a experiência da arquitetura hoje, valoriza não apenas a técnica, mas também

a dimensão sensorial dos materiais, considerando aspectos como textura, luz e percepção tátil. Consequentemente, os materiais deixam de ser apenas elementos estruturais e passam a ganhar destaque na construção da experiência espacial.

Outro aspecto relevante na contemporaneidade é a atenção ao contexto ambiental e cultural. A arquitetura responde às condições do lugar, incorporando fatores como clima, topografia e cultura local (Norberg-Schulz, 1980), evidenciando uma prática mais sensível e contextualizada. Essa abordagem reforça a ideia de que os fundamentos arquitetônicos não são universais de forma rígida, eles se moldam à realidade de cada projeto, evidenciando também uma prática mais sustentável.

Por fim, a arquitetura contemporânea transforma os fundamentos clássicos em instrumentos flexíveis, capazes de responder à complexidade do presente, evidenciando que a inovação ocorre por meio da reinterpretação (Colquhoun, 2002).

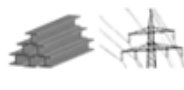
2.4 Forma arquitetônica: composição, percepção e organização formal

A forma arquitetônica constitui um dos elementos centrais da disciplina, sendo responsável pela organização visual e espacial das edificações. Segundo Francis D. K. Ching (2014), ela resulta da articulação entre pontos, linhas, planos e volumes, estruturados por relações que definem sua organização e percepção. Assim, a composição arquitetônica configura-se como um sistema ordenado de relações formais.

Entre os princípios fundamentais da composição, destacam-se a ordem, a proporção e a hierarquia, que atuam como instrumentos para organizar a forma arquitetônica. A ordem refere-se à disposição coerente dos elementos, permitindo a leitura clara do conjunto, enquanto a proporção estabelece relações dimensionais entre as partes e o todo. Segundo Le Corbusier (2020, p. 13), a arquitetura é “o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes sob a luz”, evidenciando a importância das relações proporcionais e da percepção visual na construção da forma. Dessa maneira, a composição envolve não apenas a dimensão estética, mas também aspectos perceptivos.

Segundo Wittkower (1998), as proporções geométricas utilizadas na arquitetura clássica e renascentista expressam a busca por ordem e harmonia. Ainda que reinterpretada na contemporaneidade, a geometria permanece como elemento estruturador da composição arquitetônica.

Quadro 1 – Síntese dos princípios compositivos da forma arquitetônica: ordem, proporção, ritmo e geometria

ELEMENTOS PRIMÁRIOS NA ARQUITETURA DE ACORDO COM FRANCIS D. K. CHING						
ELEMENTO/ DIMENSÃO	DEFINIÇÃO	USO NA ARQUITETURA	EXEMPLO ARQUITETÔNICO	VARIAÇÃO/ LEITUA ESPACIAL		
PONTO (0-D) 	Indica uma posição no espaço, sem comprimento ou largura ou profundidade e.	Marca o início e o fim de uma linha, ou a interseção de duas linhas. Organiza o espaço ao redor.	Coluna isolada; Torre; Farol 	CENTRAL  Equilíbrio	DESCENTRALIZADO  Dinamismo	
LINHA (1-D) 	Ponto em movimento, possui comprimento o, direção e posição.	Estrutura, limites de planos, caminhos de circulação, define direção e movimento.	Vigas; Pontes; Postes 	VERTICAL  Estabilidade/ elevação	HORIZONTAL  Repouso/ continuidade	INCLINADA  Tensão/ movimento
PLANO (2-D) 	Linha estendida, possui comprimento o, largura, forma, superfície, orientação e posição.	Define limites e superfícies que organizam e qualificam o espaço.	Paredes; Pisos; Coberturas 	BASE  Apoio/ fundação	VERTICAL  Fechamento/ limite/ parede	SUPERIOR  Proteção/ cobertura
VOLUME (3-D) 	Plano estendido, possui comprimento o, largura, profundidade e, forma, espaço e volume.	É a massa sólida ou o espaço vazio de um edifício. Define o espaço arquitetônico.	Edifícios; Salas; Blocos volumétricos 	SÓLIDO  Espaço por massa		VAZIO  Espaço por planos
SÍNTESE CONCEITUAL PONTO  → LINHA  → PLANO  → VOLUME  POSIÇÃO DIREÇÃO LIMITE ESPAÇO Da posição à direção, do limite ao espaço. a forma arquitetônica nasce da manipulação desses elementos primários.						

Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base no artigo de Francis D.K. Ching, (2014)

Além dos princípios compositivos, a permanência da forma arquitetônica também pode ser observada na continuidade de determinadas tipologias ao longo da história. As tipologias funcionam como estruturas formais que orientam a organização dos edifícios, evidenciando que a inovação frequentemente ocorre por meio da adaptação de modelos existentes (Argan, 2001). Assim, conforme aponta Rossi (2001), a arquitetura é marcada pela permanência de formas que resistem às mudanças históricas, sendo continuamente reinterpretadas ao longo do tempo.

Além da permanência das tipologias, outro aspecto relevante da composição formal é a relação entre repetição, ritmo e variação. Conforme destaca Roger Scruton (1979), a repetição de elementos cria padrões de fácil leitura, enquanto a variação, traz movimento e riqueza. Dessa forma, o equilíbrio entre regularidade e diversidade torna-se essencial para evitar tanto a monotonia quanto a desordem na composição arquitetônica.

Por outro lado, a forma arquitetônica também responde às condições históricas e às novas possibilidades projetuais. Nesse sentido, a arquitetura se insere em contextos que influenciam diretamente suas formas de expressão, fazendo com que cada período produza soluções específicas (Tafuri, 1980). Na contemporaneidade, essas transformações são ampliadas pelo uso de tecnologias digitais e processos avançados de projeto, que permitem a geração de formas mais complexas e dinâmicas (Schumacher, 2011), evidenciando a capacidade da arquitetura de se reinventar sem romper completamente com seus fundamentos.

A partir disso, a forma arquitetônica deve ser compreendida em sua relação com o observador, sendo percebida por meio da experiência visual e espacial. Segundo Gordon Cullen (1961), a percepção da forma ocorre de maneira sequencial, à medida que o indivíduo se desloca pelo espaço, revelando diferentes perspectivas e composição ao longo do percurso. Assim, os princípios compositivos não atuam apenas na configuração estática da forma, mas também na construção da vivência do espaço, evidenciando que a percepção arquitetônica resulta da interação entre organização formal e experiência do observador.

2.5 Espaço arquitetônico: percepção, experiência e ambiência

O espaço constitui uma das categorias centrais da arquitetura, sendo o meio pelo qual o indivíduo percebe, vivencia e atribui significado ao ambiente construído. Nesse

sentido, conforme afirma Bruno Zevi (1979), a arquitetura não deve ser compreendida apenas como composição de volumes, mas como a arte de organizar o espaço interno, sendo este, o verdadeiro protagonista da experiência arquitetônica.

A vivência espacial, por sua vez, não se limita à dimensão visual, envolvendo múltiplos sentidos que contribuem para a construção do significado do lugar. Para Juhani Pallasmaa (2009), a arquitetura deve ser entendida como uma experiência sensorial total, na qual visão, tato, audição e até mesmo olfato participam da percepção do espaço. Dessa forma, elementos como textura, materialidade, luz e acústica, tornam-se fundamentais na construção da ambiência, ampliando a compreensão do espaço para além da sua configuração física.

A luz desempenha um papel essencial na definição do espaço arquitetônico, pois revela formas, constrói atmosferas e orienta a percepção do usuário. Segundo Peter Zumthor (2006), a qualidade da luz em um ambiente pode transformar completamente a experiência espacial, conferindo caráter, profundidade e significado ao espaço. Consequentemente, a luz ultrapassa sua função utilitária e passa a atuar como elemento fundamental na construção da experiência arquitetônica.

Outro aspecto relevante é a relação entre interior e exterior, que contribui para a continuidade espacial e para a integração entre arquitetura e contexto. Conforme destaca Christian Norberg-Schulz (1980), a arquitetura deve estabelecer uma mediação entre o homem e o ambiente, criando espaços que permitam a compreensão e o pertencimento ao lugar. Assim, a articulação entre espaços internos e externos organiza o projeto e fortalece a relação entre o indivíduo e o contexto em que está inserido.

Por fim, a experiência arquitetônica se constrói de maneira dinâmica, à medida que o indivíduo percorre o espaço e estabelece diferentes relações com ele ao longo do tempo. Para Gordon Cullen (1961), a percepção do ambiente ocorre de forma sequencial, revelando diferentes cenas e enquadramentos que enriquecem a experiência espacial. Dessa forma, o espaço arquitetônico não é estático, mas vívido, sendo constantemente reinterpretado a partir do movimento, da percepção e da interação com o usuário, o que reforça seu papel central na construção da experiência arquitetônica.

2.6 Matéria e Cultura tectônica

A arquitetura não se constitui apenas por meio da forma e do espaço, mas também pela matéria que a torna concreta e perceptível. Nesse sentido a materialidade não deve ser compreendida apenas como um aspecto técnico, mas como elemento fundamental na construção do significado arquitetônico. Conforme argumenta Kenneth Frampton (2009), a essência da arquitetura está em sua dimensão tectônica, isto é, na maneira como materiais e sistemas construtivos são articulados de forma significativa, revelando a relação entre estrutura, material e forma. Assim a arquitetura se expressa não apenas pelo que representa, mas pela forma como é construída.

A cultura tectônica, por sua vez, está diretamente relacionada às técnicas construtivas e aos modos de produção que caracterizam diferentes contextos históricos e culturais. Para Gottfried Semper (2004), a arquitetura tem origem nos processos construtivos primitivos, nos quais elementos como abrigo, estrutura e revestimento já estabeleciam relações entre técnica e expressão. Dessa forma, a materialidade não é neutra, mas carrega significados culturais, refletindo os modos de fazer e as condições de cada sociedade.

A escolha dos materiais influencia diretamente a percepção e a experiência arquitetônica. Segundo Juhani Pallasmaa (2009), os materiais possuem qualidades táteis e visuais capazes de construir atmosferas e evocar sensações e memórias. Além disso, a arquitetura tectônica caracteriza-se pela capacidade de tornar legíveis sua estrutura e seus sistemas construtivos (Sekler, 1965). Na contemporaneidade, mesmo com o uso de novas tecnologias e materiais, essa relação permanece relevante, sendo a qualidade arquitetônica, fortemente associada ao cuidado com a materialidade e os detalhes construtivos (Zumthor, 2006).

Dessarte, a matéria na arquitetura não deve ser entendida apenas como suporte físico, mas como parte integrante da linguagem arquitetônica. Conforme destaca Marco Frascari (1984), os detalhes construtivos são capazes de comunicar intenções e significados, funcionando como elementos narrativos do projeto. Dessa forma, a cultura tectônica evidencia que a arquitetura se constrói na relação entre técnica, matéria e expressão, consolidando-se como uma prática que integra conhecimento construtivo e sensibilidade projetual.

A partir das discussões apresentadas, compreende-se que a arquitetura se estrutura como um campo de conhecimento fundamentado na articulação entre forma,

espaço e matéria, dimensões que, embora originadas em contextos históricos específicos, permanecem em constante processo de transformação e ressignificação. Nesse sentido, a produção arquitetônica contemporânea não se caracteriza por uma ruptura com o passado, mas por uma reinterpretação crítica de princípios consolidados, evidenciando a continuidade cultural que permeia o pensamento arquitetônico.

Essa relação é sintetizada na Figura 2, que ilustra o processo contínuo de transmissão, reinterpretação e adaptação dos fundamentos arquitetônicos, partindo da antiguidade clássica, passando pelo modernismo até a construção contemporânea. O esquema evidencia como ordem, proporção e tradição são preservados, incorporando novas técnicas, linguagens e contextos, sem perder sua base conceitual.

Figura 2 – Colagem de imagens representando transformações arquitetônicas



Fonte: Elaborado pela autora com base em – Frampton (2009) e Pallasmaa (2009)

Dessa forma, a cultura tectônica evidencia que a arquitetura se constrói na relação entre técnica, matéria e expressão, consolidando-se como uma prática que integra conhecimento construtivo e sensibilidade projetual.

3 METODOLOGIA

A partir das discussões apresentadas, compreende-se que a arquitetura se estrutura como um campo de conhecimento fundamentado na articulação entre forma, espaço e matéria. A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza aplicada, fundamentada em revisão bibliográfica. Segundo Antônio Carlos Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, permitindo ao pesquisador aprofundar-se em determinado tema a partir de referenciais consolidados.

Adota-se como método a análise comparativa de caráter interpretativo entre diferentes períodos históricos da arquitetura ocidental, considerando três momentos estruturantes: a Antiguidade Clássica, o Modernismo e a arquitetura contemporânea. Conforme destacam Marconi e Lakatos (2007), o método comparativo permite identificar semelhanças e diferenças entre fenômenos, contribuindo para a compreensão de suas permanências e transformações em diferentes contextos. A escolha desses períodos justifica-se por sua relevância na consolidação e reinterpretação dos fundamentos arquitetônicos ao longo do tempo.

Como eixo analítico, a pesquisa utiliza três dimensões fundamentais: forma, espaço e matéria, entendidas como categorias interdependentes da arquitetura. A forma refere-se aos aspectos compositivos e organizacionais da arquitetura; o espaço relaciona-se à experiência e à percepção do ambiente construído; e a matéria compreende os materiais, sistemas construtivos e sua expressão tectônica.

A análise fundamenta-se na seleção de uma obra representativa de cada período estudado, considerando critérios como relevância teórica, recorrência na literatura especializada e representatividade histórica no contexto em que foram produzidas. As obras escolhidas são amplamente reconhecidas por autores do campo da teoria e história da arquitetura como exemplares significativos de seus respectivos períodos.

A análise comparativa foi realizada a partir da observação das dimensões de forma, espaço e matéria das obras selecionadas. No que se refere a forma, serão analisados aspectos como composição, proporção e linguagem arquitetônica; quanto ao espaço, busca-se compreender a organização, a relação interior e exterior e a experiência do usuário; já na dimensão da matéria, serão considerados os materiais empregados, as técnicas construtivas e sua expressão tectônica.

Dessa forma, a metodologia articula revisão bibliográfica e análise comparativa interpretativa de estudo de caso, utilizando as categorias de forma, espaço e matéria como instrumentos para compreender permanências e transformações dos fundamentos arquitetônicos ao longo do tempo.

A apresentação dos resultados foi realizada de forma sistematizada e comparativa, por meio de quadros-síntese e esquemas analíticos elaborados pela autora, organizados a partir das três dimensões investigadas: forma, espaço e matéria.

Cada obra foi primeiramente analisada individualmente, sendo posteriormente comparada às demais, permitindo, assim, a identificação de permanências e transformações ao longo dos períodos históricos estudados. Os dados interpretativos serão apresentados em tabelas comparativas, diagramadas e figuras explicativas, de modo a evidenciar relações entre os elementos analisados e facilitar a compreensão das continuidades e ressignificações dos fundamentos arquitetônicos. Além disso, a discussão dos resultados foi articulada ao referencial teórico adotado, garantindo coerência entre análise empírica e fundamentação conceitual.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial, exclusivamente como recursos auxiliares para elaboração de imagens a partir de referências previamente selecionadas, revisão textual, correção gramatical e aprimoramento da clareza da escrita. A elaboração do conteúdo, construção dos quadros, análise das obras, interpretação dos resultados e responsabilidade pelo texto final permanecem sob autoria da pesquisadora.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo apresenta a análise comparativa das obras selecionadas, buscando compreender como os fundamentos da forma, do espaço e da matéria permanecem e se transformam ao longo da história da arquitetura. A partir do estudo do Partenon, pela Villa Savoye e pelo Therme Vals, são analisadas as diferentes interpretações desses elementos, evidenciando processos de continuidade, adaptação e ressignificação arquitetônica. A escolha desse recorte parte da compreensão de que a história da arquitetura não se desenvolve por rupturas isoladas, mas por processos contínuos de transformação, nos quais conceitos e soluções anteriores são reinterpretados conforme novas necessidades culturais, técnicas e sociais. Dessa maneira, foram selecionadas obras capazes de evidenciar essas permanências e

mudanças de maneira clara, permitindo uma análise comparativa dos fundamentos arquitetônicos.

4.1 Contextualização das obras e definição do corpus analítico

A análise proposta neste capítulo será desenvolvida a partir da seleção de três obras representativas, correspondentes à Antiguidade Clássica, ao Modernismo e à Contemporaneidade. A escolha considera sua relevância histórica, recorrência na literatura arquitetônica e capacidade de evidenciar os fundamentos da forma, do espaço e da matéria. Além desses critérios, considerou-se a necessidade de trabalhar com obras que mantivessem uma relação preservada entre sua composição original, características formais, organização espacial e materialidade, possibilitando uma leitura mais direta dos princípios arquitetônicos investigados.

Para representar a Antiguidade Clássica, foi selecionado o Partenon, (447-438 a.C.), na Grécia. Trata-se de uma obra amplamente conhecida na história da arquitetura, destacando-se por sua importância como monumento e por sua representatividade dos princípios clássicos. Sua escolha se deu por evidenciar de forma clara aspectos como ordem, proporção e simetria, demonstrando a preocupação, já na Antiguidade Clássica, com a organização racional do espaço, mesmo em edificações voltadas ao uso coletivo.

Para representar o Modernismo, optou-se pela Villa Savoye, por Le Corbusier (1928-1931), em Poissy, França. Considerada um dos principais marcos do movimento moderno, a obra sintetiza a aplicação dos cinco pontos da arquitetura moderna: pilotis; planta livre; fachada livre; janelas em fita; terraço jardim. Sua seleção justifica-se por evidenciar as transformações nos fundamentos arquitetônicos, especialmente no que se refere ao uso de novos materiais, à reorganização do espaço e à adoção de uma nova lógica projetual, demonstrando a adaptação desses princípios ao contexto da modernidade.

No período contemporâneo, a obra escolhida foi o Therme Vals, projetado por Peter Zumthor (1996), Suíça. O edifício articula o uso coletivo com uma experiência individualizada do espaço, destacando-se pela valorização da materialidade, especialmente por meio do uso da pedra, da água e da textura. A organização espacial prioriza o percurso, o silêncio e a luz, configurando uma experiência sensorial marcante. Dessa maneira, a obra evidencia a reinterpretação dos fundamentos arquitetônicos na

contemporaneidade, demonstrando novas possibilidades de articulação entre forma, espaço e matéria.

Ressalta-se que o recorte histórico adotado não representa toda a evolução arquitetônica, mas destaca períodos significativos para compreensão das diferentes interpretações dos fundamentos estudados, motivo pelo qual períodos intermediários como por exemplo o Pós-Modernismo, não foram considerados por ampliarem o escopo sem contribuir diretamente ao objetivo da pesquisa. Assim, priorizaram-se obras consolidadas com menor interferência e alterações ao longo do tempo, preservando de maneira significativa suas características originais, evitando a geração de interpretações distorcidas e garantindo que a relação entre forma, espaço e matéria se mantenha mais evidente, favorecendo uma análise mais consistente.

A partir da seleção dessas obras, será realizada uma análise comparativa, considerando as dimensões da forma, do espaço e da matéria, buscando compreender como esses fundamentos se mantêm e se transformam ao longo do tempo, evidenciando processos não de ruptura, mas de continuidade e adaptação.

Figura 3 – Apresentação das Obras a serem analisadas



Fonte: Elaborado pela autora (2026), a partir de imagens referenciais das obras analisadas e composição digital com auxílio de ferramenta de inteligência artificial.

As obras apresentadas evidenciam diferentes interpretações dos fundamentos arquitetônicos ao longo da história, refletindo transformações culturais, técnicas e

espaciais próprias de cada período. Entretanto, mesmo diante de linguagens formais distintas, é possível identificar permanências relacionadas à organização da forma à construção da experiência espacial e à expressão da matéria. A partir dessa relação entre permanência e transformação, desenvolve-se, nos tópicos seguintes, a análise comparativa das dimensões da forma, do espaço e da matéria nas obras selecionadas.

4.2 Permanências e transformações da forma

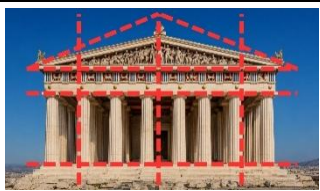
A comparação entre as três obras evidencia que determinados princípios formais permanecem presentes ao longo da história da arquitetura, embora sejam reinterpretados conforme os contextos culturais, tecnológicos e conceituais de cada período. Conforme Francis D. K. Ching (2014), a forma arquitetônica resulta da organização de elementos fundamentais (ponto, linha, plano e volume), estruturados por princípios de ordem e hierarquia. Essa compreensão permite identificar continuidades formais mesmo em obras produzidas em épocas distintas.

O Partenon representa a concepção clássica de forma, baseada na simetria, na geometria rigorosa e nas proporções harmônicas. Nesse sentido, Rudolf Wittkower (1998) destaca que a arquitetura clássica se fundamenta em sistemas proporcionais e matemáticos capazes de produzir equilíbrio e unidade compositiva. Já na Villa Savoye, de Le Corbusier, esses princípios são reinterpretados por meio da simplificação geométrica, dos volumes puros e da eliminação dos ornamentos, refletindo os ideais do movimento moderno e a busca pela integração entre forma, função e proporção.

Por sua vez, o Therme Vals apresenta uma abordagem contemporânea da forma arquitetônica, na qual a materialidade, a experiência sensorial e a relação com o lugar assumem papel central na composição. Embora sua linguagem seja distinta das obras anteriores, a organização cuidadosa dos volumes e a coerência do conjunto demonstram a permanência de fundamentos formais presentes ao longo da evolução da arquitetura.

Dessa forma, observa-se que os princípios formais da arquitetura assumem diferentes configurações ao longo do tempo, sem perder completamente seus fundamentos essenciais. As principais permanências e transformações identificadas nas obras analisadas são sintetizadas no Quadro 2.

Quadro 2 – Estudo comparativo da forma arquitetônica nas obras analisadas

OBRA	GEOMETRIA	PROPORÇÃO	COMPOSIÇÃO	SÍNTESE
 PARTENON (séc. V a. C.)	Antiguidade Clássica: Geometria Regular, baseada em formas geométricas puras.	Clássica, baseada em relações matemáticas	Simetria axial e rigor compositivo	ORDEM
 VILLA SAVOYE (1929-1931)	Movimento Moderno: Geometria racionalizada, volumes puros e linhas retas.	Proporção racional e funcional em escala humana	Equilíbrio compositivo com liberdade formal (não simétrico)	RACIONALIDADE
 THERME VALS (1996)	Arquitetura Contemporânea: Geometria Fragmentada, volumes articulados.	Escala humana e adaptação ao terreno	Organização volumétrica integrada ao contexto	INTEGRAÇÃO

Fonte: Elaborado pela autora (2026), a partir de imagens esquemáticas das obras analisadas.

A comparação evidencia que a forma arquitetônica não evolui por substituição de princípios, mas por sua adaptação a diferentes contextos históricos e culturais. Enquanto o Partenon expressa a busca pela ordem e pela proporcionalidade clássica, a Villa Savoye reinterpreta esses fundamentos por meio da racionalidade moderna, e o Therme Vals amplia essa discussão ao incorporar a experiência sensorial e a relação com o lugar. Assim, a análise confirma que permanência e transformação constituem processos complementares na construção da linguagem arquitetônica.

4.3 Permanências e transformações do espaço

A organização do espaço arquitetônico compreende não apenas aspectos funcionais como circulação, hierarquia e uso, mas também dimensões sensoriais, perspectivas e simbólicas, relacionadas à experiência do usuário, à ambiência e à relação entre interior e exterior. Nesse sentido, conforme aponta Zevi (1979), o espaço

constitui o elemento central da arquitetura, sendo vivenciado em movimento e absorvido ao longo do percurso. Assim, a comparação entre as obras permite identificar permanências e transformações na concepção espacial ao longo do tempo.

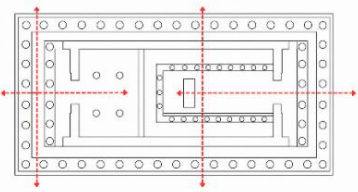
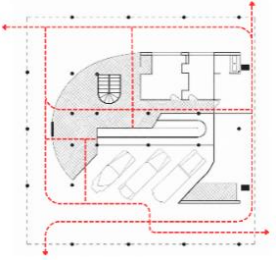
No Partenon, o espaço apresenta organização axial e hierárquica, marcada pela monumentalidade e pela clara definição entre interior e exterior. A experiência espacial ocorre de maneira sequencial e controlada, reforçando o caráter simbólico e coletivo do edifício. Em concordância com Norberg-Schulz (1980), essa configuração evidencia a relação entre arquitetura e lugar, na qual o espaço expressa valores culturais e uma ordem cósmica.

Na Villa Savoye, observa-se uma transformação significativa dessa lógica, com a adoção da planta livre, a dissolução dos limites entre interior e exterior e a valorização do percurso arquitetônico. A circulação contínua e a *Promenade architecturale* promovem uma experiência dinâmica, na qual o espaço é percebido em movimento, aproximando-se da noção de visão serial discutida por Gordon Cullen (1961), em que a arquitetura se revela por meio de sequências visuais.

Já no Therme Vals, o espaço assume caráter sensorial e imersivo, estruturado a partir da materialidade, da luz e da atmosfera, a experiência torna-se mais introspectiva e individual, ainda que inserida em um uso coletivo, reforçando a dimensão fenomenológica da arquitetura. Conforme Pallasmaa (2009), o espaço é apreendido por meio dos sentidos, e não apenas pela visão, sendo a arquitetura capaz de construir experiências corporais e emocionais profundas, conforme sintetizado na Figura 6, na qual se evidencia a transição de uma organização espacial rígida e hierárquica para experiências mais fluidas e sensoriais.

Como apresentado no quadro 3, a comparação das plantas arquitetônicas permite sintetizar as diferentes formas de organização espacial das obras analisadas, evidenciando suas relações da circulação, hierarquia, interior e exterior e experiência do usuário.

Quadro 3 – Apresentação das Plantas de pavimentos base das obras a serem analisadas

PLANTA E OBRA	PRIORIDADE E CIRCULAÇÃO	ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	RELAÇÃO INTERIOR E EXTERIOR	EXPERIÊNCIA DO USUÁRIO
 PARTENON - (séc. V a. C.)	Ordem e Função: Linear e direcionada ao centro	Hierárquica, axial e simétrica, com funções rígidas	Separação clara entre interior e exterior.	Coletiva, solene e direcionada à contemplação
 VILLA SAVOYE - (1929-1931)	Fluidez e Continuidade: Fluida, baseada no percurso (promenade)	Livre e contínua, baseada no percurso aberto.	Integração e continuidade entre interior e exterior	Dinâmica, em movimento, centrada no percurso.
 THERME VALS – (1996)	Experiência e Integração: Percurso sensorial e imersivo	Integra circulação livre com organização funcional dos espaços.	Integração mediada pela topografia, luz, água e pedra.	Sensorial, introspectiva e individualizada dentro de um uso coletivo.

Fonte: Elaborado pela autora (2026), a partir da análise das plantas das obras selecionadas.

De modo geral, a análise evidencia que a organização espacial permanece como elemento fundamental da arquitetura, ainda que seus modos de concepção e vivência se transformem ao longo do tempo. As obras analisadas demonstram uma ampliação progressiva da experiência espacial, que passa de uma configuração predominantemente hierárquica e simbólica no Partenon para uma espacialidade mais fluida na Villa Savoye, alcançando, no Therme Vals, uma abordagem centrada na percepção sensorial e na atmosfera. Assim, a transformação do espaço arquitetônico não representa uma ruptura com os fundamentos anteriores, mas sua adaptação a novas formas de uso, percepção e experiência.

4.4 Permanências e transformações da matéria

A matéria constitui uma dimensão fundamental da arquitetura, relacionando-se aos materiais e sistemas construtivos que dão forma física ao espaço e influenciam sua percepção. A comparação entre as obras selecionadas permite compreender permanências e transformações no uso e no significado da materialidade ao longo do tempo.

No Partenon, a matéria está associada à solidez e à durabilidade, com o uso predominante do mármore, evidenciando a associação entre materialidade, permanência e representação simbólica. Na Villa Savoye, se destaca mudanças significativas com o uso do concreto armado, expressando os ideais de racionalização e industrialização defendidos pelo movimento moderno. Já no Therme Vals, há uma valorização da materialidade de forma sensorial, com o uso da pedra, da água e das texturas, na qual os materiais participam ativamente da construção da atmosfera e da experiência espacial.

A análise evidencia que a materialidade pode ser compreendida a partir de diferentes dimensões, incluindo sua função construtiva, sua relação com o espaço, sua percepção sensorial e sua capacidade de expressar valores culturais e tecnológicos de cada período. Essas relações são sintetizadas no Quadro 4.

Quadro 4 – Análise da materialidade das obras analisadas

DETALHE E OBRA	PRIORIDADE E FUNÇÃO	MATERIAL ORIGEM E FUNÇÃO	RELAÇÃO TEMPO/ESPAÇO E EXPERIÊNCIA SENSORIAL	COMPARAÇÃO GERAL
 PARTENON - (séc. V a. C.)	Ordem e estrutura: Matéria como suporte estrutural e simbólico de permanência. Pedra maciça, durável e resistente.	Mármore pentélico. Blocos estruturais que definem forma, função e estética.	Define volumes claros e limites precisos, com forte senso de ordem. Material durável, cuja aparência reforça permanência ao longo do tempo.	PESADA, OPACA E MACIÇA. DEFINE E LIMITA. ORDEM E PERMANÊNCIA.
 VILLA SAVOYE - (1929-1931)	Fluidez e continuidade: Material libera o espaço e possibilita novas formas de habitar. Leve, racional e industrial.	Concreto armado, aço e vidro. Estrutura independente que permite leveza e liberdade formal.	Superfícies lisas e planos contínuos. Integra interior e exterior com leveza e transparência.	LEVE E SUSPENSA. TRANSPARENTE E FUNCIONAL. LIBERTA E CONECTA.
 THERME VALS – (1996)	Experiência e conexão: Matéria como elemento sensorial e de integração com o corpo e o lugar. Texturizada, tátil e atmosférica.	Quartzito, concreto aparente, água e luz. Camadas materiais que estruturam espaço e experiência.	Integra arquitetura e natureza. Materialidade constrói atmosfera e percepção sensorial.	PRESENTE E ENVOLVENTE. SENSORIAL E CONTEMPLATIVA. INTEGRA E TRANSFORMA.

Fonte: Elaborado pela autora (2026), a partir de detalhes da materialidade presente em cada obra.

Nesse contexto, a matéria mantém seu papel essencial na arquitetura, embora passe por transformações significativas. Enquanto no Partenon predomina sua função estrutural e simbólica, na Villa Savoye a materialidade viabiliza novas soluções técnicas e espaciais. Já no Therme Vals, os materiais tornam-se elementos centrais da experiência arquitetônica, participando da construção da atmosfera e da percepção do usuário. Essas transformações evidenciam um processo contínuo de adaptação e ressignificação da matéria ao longo do tempo.

A matéria constitui, portanto, o elo entre concepção e experiência arquitetônica, expressando valores técnicos, culturais e sensoriais de cada período histórico. A análise das obras evidencia que os materiais não apenas viabilizam a construção do espaço,

mas também influenciam sua percepção e significado, reforçando o papel da materialidade como elemento fundamental na arquitetura.

4.5 Síntese interpretativa

A análise comparativa das obras permite compreender que os fundamentos da arquitetura permanecem ao longo do tempo, embora sejam constantemente reinterpretados. Conforme discutido por Ching (2014), forma, espaço e matéria constituem bases fundamentais da organização arquitetônica e podem ser identificados em diferentes contextos históricos e culturais. Nesse sentido, observa-se uma trajetória de continuidade que parte da racionalidade geométrica e da monumentalidade do Partenon, passa pela simplificação formal e pela flexibilização espacial da Villa Savoye e alcança, no Therme Vals, uma abordagem voltada à experiência sensorial, à materialidade tectônica e à percepção do usuário, aproximando-se da compreensão fenomenológica do espaço defendida por Pallasmaa (2009).

A comparação demonstra que as transformações observadas na arquitetura não ocorrem pela substituição de seus fundamentos, mas pela ampliação de suas possibilidades de interpretação. Enquanto a arquitetura clássica enfatiza a ordem, a proporção e a permanência, a arquitetura moderna reinterpreta esses princípios sob uma lógica funcional e racional, e a contemporaneidade incorpora dimensões sensoriais, tectônicas e fenomenológicas à experiência arquitetônica. Assim, confirma-se a ideia central deste trabalho de que a produção arquitetônica contemporânea não representa uma ruptura com o passado, mas a continuidade crítica de fundamentos historicamente consolidados.

Dessa forma, a escolha dos períodos e obras analisadas permitiu observar que, mesmo diante de mudanças profundas na linguagem arquitetônica, determinados fundamentos permanecem como base da produção arquitetônica. A arquitetura, portanto, não elimina os conhecimentos construídos historicamente, mas os transforma e atribui novos significados conforme cada contexto.

5 CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar como os fundamentos arquitetônicos relacionados à forma, ao espaço e à matéria permanecem e se transformam na

produção arquitetônica contemporânea. A partir da análise comparativa do Partenon, da Villa Savoye e do Therme Vals, foi possível compreender que esses fundamentos continuam presentes na arquitetura, ainda que sejam reinterpretados de acordo com diferentes contextos históricos, culturais e tecnológicos.

Os resultados demonstram que forma, espaço e matéria se constituem de dimensões permanentes da arquitetura. Embora assumindo diferentes configurações em cada período, tais fundamentos permanecem estruturando a concepção arquitetônica, evidenciando que as transformações observadas ao longo do tempo não representam a substituição de princípios consolidados, mas sua adaptação a novas demandas, novas linguagens e formas de percepção.

Assim, responde-se à pergunta central da pesquisa de que a arquitetura contemporânea não rompe com o passado, mas estabelece uma continuidade com tradições e fundamentos historicamente passados e construídos. A inovação arquitetônica manifesta-se por meio da ressignificação desses fundamentos, incorporando novas possibilidades técnicas, espaciais e sensoriais sem perder sua base conceitual.

Por fim, o estudo contribui para a compreensão da arquitetura como uma construção cultural dinâmica, marcada pela coexistência entre permanência e transformação. Ao reconhecer a continuidade dos fundamentos arquitetônicos, há forte reflexão sobre os processos de projeto e sobre a importância do conhecimento histórico na produção arquitetônica contemporânea. Nesse sentido, novas investigações podem aprofundar a análise dessas permanências em diferentes contextos, períodos e abordagens teóricas, ampliando a discussão sobre a relação entre tradição e inovação na arquitetura.

6 REFERÊNCIAS

- AKHANOLU, Abumere; AHIANBA, Joseph Eizielen. Architecture as a reflection of cultural continuity: a study of traditional trends. **International Journal of Innovative Science and Research Technology**, v. 10, n. 4, p. 3726-3744, 2025.
- ALBERTI, Leon Battista. **Da arte de construir**. São Paulo: Hedra, 1989.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto e destino**. São Paulo: Ática, 2001.
- CHING, Francis D. K. **Arquitetura: forma, espaço e ordem**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2014.
- COLQUHOUN, Alan. **Arquitetura moderna**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

- CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1961.
- FRAMPTON, Kenneth. **Studies in tectonic culture: the poetics of construction in nineteenth and twentieth century architecture**. Cambridge: MIT Press, 2001.
- FRAMPTON, Kenneth; SAINZ AVIA, Jorge. **Historia crítica de la arquitectura moderna**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.
- FRASCARI, Marco. The tell-the-tale detail. **VIA**, Philadelphia, n. 7, p. 22-37, 1984.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1992.
- KHAZNADAR, Binyad Maruf Abdulkadir; BAPER, Salahaddin Yasin. **Sustainable continuity of cultural heritage: an approach for studying architectural identity using typo-morphology analysis and perception survey**. Sustainability, 2023.
- KOOLHAAS, Rem. **S, M, L, XL**. New York: Monacelli Press, 1997.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius loci: towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli, 1980.
- PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- PEVSNER, Nikolaus. **Panorama da arquitetura ocidental**. São Paulo: VWF Martins Fontes, 2002.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SCHUMACHER, Patrik. **The autopoiesis of architecture: a new framework for architecture**. Chichester: Wiley, 2011.
- SCRUTON, Roger. **The aesthetics of architecture**. Princeton: Princeton University Press, 1979.
- SEKLER, Eduard F. Structure, construction, tectonics. In: KEPES, György (org.). **Structure in art and in science**. New York: George Braziller, 1965.
- SEMPER, Gottfried. **Style in the technical and tectonic arts: or practical aesthetics**. Los Angeles: Getty Publications, 2004.
- TAFURI, Manfredo. **Theories and history of architecture**. Free Press, Collier Macmillan, 1981.
- VIDLER, Anthony. **Histories of the immediate present: inventing architectural modernism**. Cambridge: MIT Press, 2008.
- VITRÚVIO. **Tratado de arquitetura**. Tradução, introdução e notas de Manuel Justino Maciel. Lisboa: IST Press, 2006.

WITTKOWER, Rudolf. **Architectural principles in the age of humanism**. 4. ed. London: Academy Editions, 1998.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. Buenos Aires: Poseidón, 1979.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas: entornos arquitetônicos- as coisas ao meu redor**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.